



Universidades Lusíada

Carochinho, José António Baião, 1963-
Lopes, Maik Isidoro, 1983-

A dependência à Internet nos jovens de uma escola de cariz militar

<http://hdl.handle.net/11067/3535>
<https://doi.org/10.34628/f79q-v341>

Metadados

Data de Publicação	2016
Resumo	A dependência à internet entrou para o capítulo das adições, consequência da superfluidade que dela se faz. Desde a década de noventa do século passado que os investigadores da área das ciências sociais e humanas têm vindo a apontá-la como um problema generalizado entre indivíduos de vários países e nas diversas sociedades, reclamando um olhar diferente relativamente à mesma. Um dos grupos em que as preocupações mais se evidenciam é o dos jovens pelas consequências que acarreta ao nível social (...)
Palavras Chave	Dependência da internet na adolescência, Dependência da internet na adolescência - Prevenção, Educação militar
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, v. 07, n. 1-2 (Janeiro-Dezembro 2016)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T05:34:59Z com informação proveniente do Repositório

A DEPENDÊNCIA À INTERNET NOS JOVENS DE UMA ESCOLA DE CARIZ MILITAR

José-António Carochinho
Maik Isidoro Lopes
Universidade Lusíada de Lisboa

Resumo: A dependência à internet entrou para o capítulo das adições, consequência da superfluidade que dela se faz. Desde a década de noventa do século passado que os investigadores da área das ciências sociais e humanas têm vindo a apontá-la como um problema generalizado entre indivíduos de vários países e nas diversas sociedades, reclamando um olhar diferente relativamente à mesma. Um dos grupos em que as preocupações mais se evidenciam é o dos jovens pelas consequências que acarreta ao nível social (isolamento físico e dificuldade no relacionamento interpessoal), ao nível clínico (cogitação fantasiosa da realidade, *cyberbulling*) e ao nível Educacional (aprendizagem). O presente estudo visa analisar o fenómeno da dependência à Internet numa escola de cariz militar, para ajuizar sobre a amplitude do mesmo. Nele participaram 174 alunos de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 10 e os 19 anos de idade. Foi utilizada a versão portuguesa do *Internet Addiction Test* (IAT) de Young (1998), a qual apresentou consideráveis propriedades psicométricas: uma estrutura tetra-fatorial interpretável responsável por cerca de 55% da variância dos resultados, a par de uma boa consistência interna. Globalmente, os resultados não suscitaram preocupações ao nível da dependência à Internet por parte destes alunos. Neste trabalho discute-se igualmente a importância da prevenção e intervenção da dependência da Internet, bem como a necessidade de alargar o sentido de consciência e informação de todos os pais e educadores para a problemática em análise.

Palavras-chave: Internet, Adição à internet, Dependência à internet, Atividades desenvolvidas *online*.

Abstract: Internet dependence is now part of a broad range of addictions. Ever since the 1990s, investigators of social sciences have addressed it as a common problem among people from different countries and from various societies, claiming the need for a different approach. This concern is more noticeable among young people due to the consequences it brings about socially (physical isolation and interpersonal relationships), clinically (images of reality, cyberbulling) and educationally (learning). The pursuit of this study is the analysis of the phenomenon of Internet addiction at a military school, in order to establish the magnitude of its impact. The participants are 174 students of both genders, aged between 10 and 19. The Portuguese version of the Young's Internet Addiction Test (IAT) was used, and showed considerable psychometric properties: the psychometric qualities of the IAT revealed a factorial structure of 4 factors responsible for about 55% of the variance of the results, along with good internal consistency. On the whole, the results have raised no concerns on the level of students' internet addiction. Nevertheless, it has given us some insight on the importance of prevention and intervention on internet addiction in students, as well as the need to widen the sense of awareness and information of all educators and parents to the problem under consideration.

Keywords: Internet, Internet addiction, Internet dependence, Online activities.

Introdução

A introdução das novas tecnologias de informação e de comunicação de forma massificada na nossa sociedade vieram criar modificações substantivas nos comportamentos e na forma de pensar das pessoas. Bauman (2006, 2007) e Sennett (2007, 2009) argumentam mesmo que estamos numa fase de transição de uma “sociedade sólida”, construída com base em modelos económicos, sociais e de relacionamento interpessoal e amoroso que perduravam no tempo e se desejavam estáveis, numa “sociedade líquida”, onde o que se valoriza são os estados fluídos, transitórios e flexíveis, pouco estáveis e duradouros. A Internet é uma das ferramentas introduzidas que transformou inexoravelmente o modo como as pessoas comunicam, trabalham e se relacionam. Proporcionalmente à sua implementação e democratização surgem aspetos perniciosos apontados comumente na literatura especializada como preocupantes e merecedores de especial atenção: a seletividade e manipulação da informação propagada, o isolamento físico e a incapacidade para manter relacionamentos interpessoais (solidão), a limitada capacidade de identificar os outros individualmente, o *cyberbullying* entre outros (Postmes, 2015). O uso desta nova ferramenta leva a um fascínio muito particular sobretudo nas camadas mais jovens, criando por vezes o sentimento de uma falsa realidade. Os jovens tornam-se de tal modo reféns da Internet e o tempo que lhe dedicam ultrapassa em muito aquilo que é desejável (Hasanzadeh, Beydokhti, & Zadeh, 2012), requerendo, portanto, tal comportamento, uma especial atenção (Liu & Potenza, 2007). O Relatório do Internet World Stats (IWS, 2012) de Junho de 2012, apresenta dados que apontam para 34.3% da população possuir acesso à Internet. Em primeiro lugar aparece o continente Asiático, seguindo-se a Europa, a América do Norte, a América Latina e as Caraíbas, a África, o Médio Oriente e a Austrália e a Oceânia. Só na China, aproximadamente 33.8 milhões de pessoas tiveram acesso à Internet no ano de 2009, sendo que 62.8% dos utilizadores tinham idades compreendidas entre os 10 e os 29 anos (Wang, Zhou, Lu, Wu, Deng, & Hong, 2011). Também na Tailândia, as taxas epidemiológicas mostraram que cerca de 19.8% dos adolescentes apresentou dependência à Internet (Ko, Yen, Yen, Chen, & Chen, 2005). Ainda a nível internacional, um estudo realizado pela EU Kids *Online* (Smahel, Helpser, Helsper, Green, Kalmus, Blinka, & Ólafsson, 2012), junto de uma amostra 19.834 de crianças, com idades compreendidas entre os 11 e 16 anos, de 25 países europeus, incluindo Portugal, mostrou que 29% das crianças apresentava um ou mais dos componentes associados ao uso excessivo da Internet. Todavia, apenas 1% do total da amostra apresentou níveis patológicos decorrentes do uso da Internet. Mais especificamente no contexto português, os dados do último Relatório do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2014) revelam que 63% dos agregados familiares em Portugal possuem ligação à Internet em casa, através de banda larga, evidenciando-se o grau de implementação na região de Lisboa (72%) e entre as famílias com crianças até aos 15 anos (87%). Em 2014, 65% das

peças com idades entre os 16 e os 74 anos acederam à Internet; 17% efetuaram encomendas através desta rede. O grupo etário com proporções mais elevadas de utilizadores da Internet situa-se entre os 16 e os 24 anos, diminuindo com o aumento da idade. Entre os utilizadores de Internet, mais de metade (57%) acede à Internet em mobilidade, i.e., fora de casa e do local de trabalho em equipamentos portáteis (telemóvel, *smartphone*, computador portátil ou outro equipamento). Os resultados do inquérito indicam ainda que todos os estudantes com 16 ou mais anos utilizam computador e Internet, e que atuam de forma semelhante às pessoas empregadas relativamente à prática do comércio eletrónico. Para as pessoas que completaram o ensino secundário e para as pessoas que completaram o ensino superior, os níveis de utilização de computador e Internet encontram-se em patamares muito elevados (entre 94% e 97%).

Apesar de mais um terço da população utilizar a Internet, é certo que nem todos ficam dependentes desta, o que sublinha a necessidade de encararmos o fenómeno da adição à Internet sob o ponto de vista biopsicossocial e não isoladamente (Pontes, 2013).

Diversos são os estudos que se debruçam sobre o impacto do uso problemático da Internet nos adolescentes (e.g., Ferraro, Caci, D'Amico, & Di Blasi, 2007, Ghassemzadeh, Shahraray, & Moradi, 2008, Johansson & Götestam, 2004, Khazaal *et al.*, 2008; Wang *et al.*, 2011, Yen, Ko, Yen, Chang, & Cheng, 2009, Yen, Yen, Chen, Chen, & Ko, 2007). Na verdade, a adolescência é um período de desenvolvimento crítico em termos de vulnerabilidade às dependências em função dos fatores biológicos, psicológicos e sociais, o que os torna numa população de risco, tal como assinalam Panayides e Walker (2012).

Um dos fatores que atrai os jovens para as novas tecnologias de comunicação reside na oportunidade que estas oferecem para interagirem com outras pessoas de forma anónima, enquanto experimentam um sentido de comunidade e aceitação social que vai sendo reforçado através do uso (Johansson & Götestam, 2004). Além do anonimato que a Internet oferece, as competências sociais utilizadas no mundo real não são obstáculo para a criação de novas relações no mundo virtual, uma vez que os utilizadores podem não ser tão destrutivos nas relações *online* como no mundo real (Ghassemzadeh *et al.*, 2008).

Young (1998) foi a primeira autora a propor um critério de diagnóstico para a dependência da Internet de modo rigoroso e clínico e, outros autores (Ko, Yen, Chen, Chen, & Yen, 2005, Shapira *et al.*, 2003) acabaram por propor diferentes critérios para o diagnóstico desta nova forma de perturbação. Também Fu, Chan, Wong e Yip (2010) verificaram que as pessoas que detinham cinco ou mais sintomas de dependência à Internet, apresentavam maior ideação suicida e sintomatologia depressiva. Tonioni *et al.* (2012) sublinham que o mau uso da Internet, que se caracteriza pelo grande número de horas despendidas *online*, bem como o evitamento das interações sociais com pessoas reais e conhecidas, fazem parte de um importante critério que deve ser tido em consideração aquando do diagnóstico. Griffiths (2000) considera que o indivíduo só pode ser considerado

dependente à Internet se preencher todos os componentes constantes no seu critério de diagnóstico, a saber: saliência, alterações do humor, tolerância, sintomas de abstinência, conflitos intra e interpessoais e as recaídas.

Alguns autores preocuparam-se em encontrar uma tipologia caracterizadora do fenómeno de dependência à Internet, i.e., as modalidades em que o fenómeno de dependência se apresenta. Assim, Young, *et al.* (2000) identificaram cinco subtipos de dependência à Internet: a) cibersexo; b) ciber-relacionamentos; c) transação de ações e apostas *online*; d) pesquisa de informações e; e) jogos de computador. Outros autores (e.g., Karaiskos, Tzavellas, Balta, & Paparrigopoulos, 2010, Kuss & Griffiths, 2011) sugerem a inclusão de um outro subtipo que nos remete para o uso excessivo das redes sociais - *Facebook Addiction* ou *Social Networking Site Addiction*.

Um estudo realizado por Canan, Ataoglu, Nichols, Yildirim e Ozturk (2010) com 300 alunos universitários constatou que 11.6% dos adolescentes, com idades entre os 14 e os 19 anos de idade, podiam ser classificados como dependentes à Internet, tendo a avaliação sido efetuada através do IAT (*Internet Adiction Test*). Também na Coreia do Sul, os dados do governo de 2006 assinalam que cerca de 210.000 crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 19 anos necessitaram de tratamento para a dependência à Internet, sendo que cerca de 80% destes estaria a precisar de tratamento farmacológico e talvez, entre 20% a 24% precisassem de ser hospitalizados (Block, 2008). Um outro estudo realizado por Lin, Ko e Wu (2011) com uma amostra de 3.616 adolescentes do ensino superior identificou alguns fatores de risco psicossocial associados à dependência à Internet. Neste estudo, as variáveis “existência de sintomas depressivos”, “maiores expectativas de resultados positivos decorrentes do uso da Internet”, “elevado tempo de uso desta”, “baixa autoeficácia na regulação do uso da Internet”, “elevada impulsividade”, “baixa satisfação com o desempenho académico”, “género masculino” e “padrão de vinculação insegura”, estariam positivamente correlacionados com a dependência à Internet.

Relativamente ao género, os estudos neste âmbito não se têm mostrado conclusivos, pois se em alguns não se encontram diferenças significativas (e.g., Ferraro *et al.*, 2007, Fu *et al.*, 2010, Khazaal *et al.*, 2008, Smahel *et al.*, 2012), noutros essas diferenças são encontradas a favor do sexo masculino (e.g., Esen & Gündoğdu, 2010, Gencer & Koc, 2012, Hasanzadeh *et al.*, 2012, Peng & Zhou, 2009, Tsai *et al.*, 2009).

O estudo conduzido por Francisco e Crespo (2012) em Portugal, mostrou que quanto maior é a utilização da Internet e das redes sociais, menor é a coesão e expressividade familiar dos adolescentes, para além de que, quanto mais conflitos existem no seio da família, as raparigas, mais do que os rapazes, tendem a refugiar-se na Internet e nas redes sociais aos fins-de-semana, a fim de estabelecerem relações mais satisfatórias com os outros.

No que respeita à idade, diversos estudos têm mostrado não haver uma relação entre esta variável e a dependência à Internet (e.g. Jenaabadi &

Keikhayfarzaneh, 2011, Lam, Peng, Mai, & Jing, 2009, Lam & Peng, 2010, Simkova & Cincera, 2004), enquanto outros (Morrison & Gore, 2010, Ni, Yan, Chen, & Liu, 2009), sugerem que quanto mais novos são os respondentes, maiores os níveis de dependência à Internet.

Por fim, relativamente à escolaridade, Pontes (2013) constatou no seu estudo diferenças significativas entre os níveis de dependência à Internet e o ano académico em que o participante se encontrava. A este respeito, a autora procurou perceber em que anos é que os níveis de dependência à Internet eram mais elevados e, tal como esperado, os níveis mais elevados de dependência à Internet incidiram essencialmente, na sua grande maioria, nos alunos do ensino secundário, em especial nos alunos do 10º ano de escolaridade. Estes resultados são consonantes com as estatísticas do INE (2014) que sublinham uma maior taxa de utilização da Internet por parte dos adolescentes que frequentam o ensino secundário.

Tendo em linha de conta os diversos resultados decorrentes dos estudos realizados relativamente à dependência à Internet, o presente estudo tem como objetivo analisar os níveis de dependência à internet dos alunos de uma escola de cariz militar, por estas instituições serem escolas muito particulares, onde a disciplina e a obediência às hierarquias são bastante valorizadas. Como objetivos mais específicos procuramos analisar as variações nos níveis de dependência à internet, em função do género, da idade, do ano de frequência e do regime de frequência dos alunos. Concomitantemente pretende-se averiguar sobre os comportamentos que esses mesmos alunos apresentam quando estão *online*, por forma a ajuizar e estabelecer um padrão comparativo com outros jovens em estudos já efetuados.

Metodologia

Hipóteses

De acordo com os objetivos enunciados anteriormente e em sintonia com a literatura revista, foram formuladas as hipóteses que se seguem:

H1 - Os rapazes apresentam maior dependência à Internet do que as raparigas.

H2 - Os alunos mais novos apresentam menor dependência à Internet do que os mais velhos.

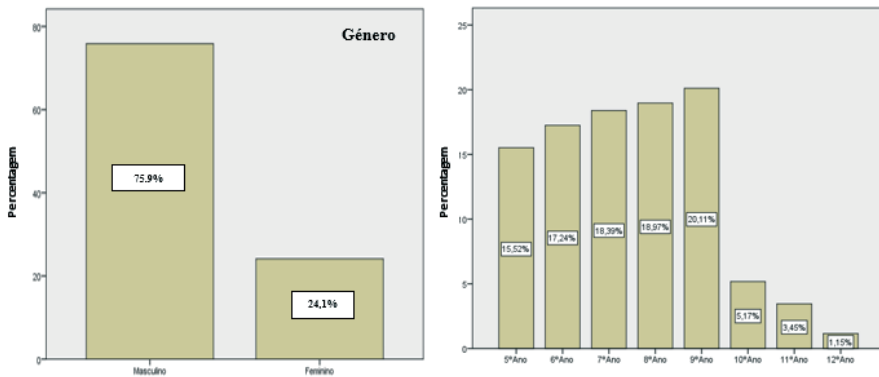
H3 - Os alunos do ensino secundário apresentam maior dependência à Internet do que os alunos do 2º e 3º Ciclos.

H4 - Os alunos em regime de externato apresentam maior dependência à Internet do que os alunos em regime de internato.

Participantes

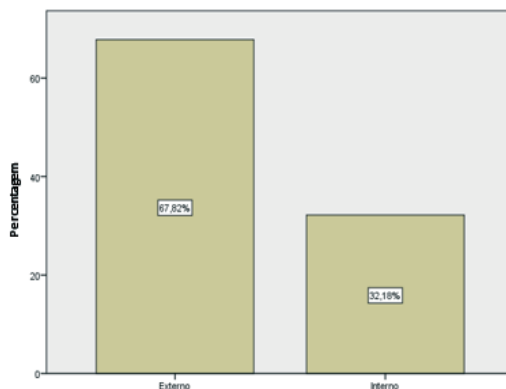
Participaram neste estudo 174 alunos, distribuídos da seguinte forma: 132 do género masculino (75.9%) e 42 do género feminino (24.1%). Em termos de ano frequentado, predominam os alunos do 9ºano com 35 sujeitos (20.1%), conforme se pode observar na Figura 1.

Figura 1
Percentagem de Alunos por Género e Ano Frequentado.



No que se refere ao regime frequentado, a amostra contempla 118 sujeitos em regime de externato (67.8%) e 56 sujeitos em regime de internato (32.2%), conforme apresenta a Figura 2.

Figura 2
Percentagem de Alunos por Regime de Frequência.



Material

O material de recolha de informação é constituído pelo IAT (*Internet Adiction Test*), que foi desenvolvido por Young (1998). Trata-se de um questionário que avalia o grau de envolvimento do indivíduo com a Internet e a forma como o uso excessivo dessa ferramenta o afeta negativamente nas várias áreas da sua vida. É constituído por 20 itens de auto-preenchimento, cujas respostas obedecem a uma escala do tipo *Likert* de 5 pontos, sendo que a maior pontuação corresponde a uma maior dependência da Internet. Este instrumento fornece um índice em termos de prejuízos suaves (20-49 pontos), moderados (50 a 79 pontos) ou severos (80 a 100 pontos) decorrentes do uso excessivo da Internet (Pontes, 2013, Young, 1998, 2007). Parte-se do princípio que quanto maior for a pontuação obtida na soma de todas as respostas aos itens, maior é o nível de dependência à Internet e dos prejuízos que esta acarreta (Young, 1998). O IAT foi validado em diversos países, nomeadamente Itália (Ferraro *et al.*, 2007), França (Khazaal *et al.*, 2008), Turquia (Kesici & Sahin, 2010), Estados Unidos (Jelenchick, Becker, & Moreno, 2012), Brasil (Conti, Jardim, Hearst, Cordás, Tavares, & Abreu, 2012), Chipre (Panayides & Walker, 2012), Líbano (Hawi, 2013), China (Lai *et al.*, 2013), Grécia (Tsimtsiou *et al.*, 2014) e Portugal (Ponte *et al.*, 2014).

O questionário aplicado, para além do IAT continha ainda 45 itens relativos à frequência das atividades desenvolvidas *online* em que cada uma delas continha 5 posicionamentos extremados entre o 1 (raramente) e o 5 (muitas vezes). Era finalizado com quatro questões de caracterização sociodemográfica: idade, género, ano frequentado e regime de frequência.

Procedimento

O questionário foi disponibilizado na plataforma *Google Docs*, tendo sido enviado um *e-mail* a todos os alunos daquela instituição, o qual continha o respetivo *link*. Os dados obtidos foram transferidos para o *Excel* e posteriormente introduzidos e tratados através do programa estatístico IBM/SPSS® (versão 22), no qual foram realizadas as principais análises estatísticas.

Resultados

Tendo em consideração o tamanho da amostra, procedemos primeiramente ao estudo do comportamento psicométrico do IAT na amostra em questão. Seguiu-se a verificação das hipóteses e por fim a análise das principais atividades desenvolvidas *online*.

Estudo psicométrico do IAT

Procuramos estudar a validade de constructo, submetendo os 20 itens a uma análise fatorial de componentes principais, com rotação de fatores (rotação *varimax*). A estatística K.M.O. (Kaiser Meyer Olkin) revelou estarmos em presença de uma matriz de dados que permite a prossecução da análise (KMO = .876; Teste de Esfericidade = 1359.234; $p = .00$). Considerando a regra de *Kaiser*, obtivemos uma estrutura tetra-fatorial interpretável.

Tabela 1

Estrutura Fatorial com Extração dos Fatores e a Percentagem da Variância Total

Fatores	Eigenvalue	Variância explicada (%)	Variância Acumulada (%)
Fator I	7.22	36.13	36.13
Fator II	1.40	7.02	43.15
Fator III	1.23	6.18	49.34
Fator IV	1.17	5.87	55.22

Do ponto de vista métrico, os vários estudos consultados revelam uma estrutura pouco consensual, sugerindo diferentes estruturas fatoriais para o constructo, situação que se deve ao facto da autora original não ter fornecido referências quanto a isso, podendo as dimensões variar de uma a sete como se verificam em vários estudos deste género (Pontes, 2013). Widyanto e McMurrin (2004) sugeriram a existência de seis fatores associados ao fenómeno da dependência à Internet, sendo eles: *Salience*, *Excess Use*, *Neglecting Work*, *Anticipation*, *Lack of Self-Control* e *Neglecting Social Life*, sendo a dimensão *Salience* a mais fiável. Também Tsimitsiou *et al.* (2014) realizaram uma análise fatorial exploratória tendo identificado três fatores interpretáveis: *Conflito Psicológico/Emocional*; *Gestão do Tempo* e *Negligência de Trabalho*, responsáveis por 55.3% da variância. Também Law e Chang (2008) apresentaram através do seu estudo, uma estrutura tri-fatorial: *Withdrawal and Social Problems*, *Time Management and Performance* e *Reality Substitute*. A justificação para o menor número de dimensões deveu-se à covariação dos itens entre as várias dimensões, sendo que o fator *Reality Substitute* consiste num aspeto essencial do ponto de vista da caracterização do fenómeno. No presente estudo, com uma predeterminação a quatro fatores, conseguimos obter a matriz interpretável que a Tabela 2 ilustra.

Tabela 2
Matriz Fatorial com a Extração de Fatores através da Rotação Varimax

Itens / Com que frequência (...)	Fator I	Fator II	Fator III	Fator IV
19. optas por estar mais tempo online em vez de sair com pessoas / amigos?	.78	.16	.18	.00
20. te sentes deprimido, mal humorado ou nervoso quando estás offline e esse sentimento vai embora assim que voltas a estar online?	.76	.09	.25	.23
15. te sentes preocupado com a internet quando estás offline ou fantasias que estás online?	.66	.12	.27	.15
13. te revoltas, gritas ou te mostras irritado quando alguém te incomoda quando estás online?	.63	.30	-.01	.09
12. temes que a tua vida sem internet seria chata, vazia e sem graça?	.63	.32	-.04	.09
11. pensas em quando vais estar novamente online?	.63	.22	.23	.15
18. tentas esconder a quantidade de tempo que estás online?	.58	.20	.20	.27
14. dormes pouco porque ficas online até tarde?	.54	.40	.13	.08
6. as tuas notas ou tarefas da escola são prejudicadas por causa do tempo que passas online?	.24	.75	.18	.08
5. outras pessoas na tua vida se queixam sobre a quantidade de tempo que passas online?	.32	.73	.06	.10
2. esqueces tarefas domésticas/escolares para passares mais tempo online?	.27	.72	-.08	-.03
1. achas que passas mais tempo na internet do que pretendias?	-.03	.60	.26	.39
8. o teu desempenho ou produtividade na escola são prejudicadas por causa da internet?	.34	.57	.35	.11
7. vês o teu email antes de qualquer outra coisa que precisas fazer?	.07	.09	.66	.06
4. fazes “amigos online”?	.15	.04	.63	.05
3. preferes a emoção da internet a estares com a tua família/amigos?	.33	.28	.46	-.43
9. ficas na defensiva ou guardas segredo quando alguém te pergunta o que estás a fazer online?	.35	.30	.37	.05
17. tentas diminuir a quantidade de tempo que ficas online e não consegues?	.25	.14	.11	.62
16. dizes para ti próprio “só mais alguns minutos” quando estás online?	.39	.23	-.08	.56
10. recorres à internet para resolver problemas que te perturbam na tua vida?	.16	.01	.49	.55

Através das saturações dos itens dos fatores, podemos verificar que o Fator I agrega itens relativos aos “Comportamentos de obsessão pela Internet”. No

Fator II saturam os itens referentes ao “Prejuízos da Dependência à Internet”. No Fator III saturam itens referentes à “Diversidade de Atividades *Online*”, e no Fator IV, os itens associados à “Falta de Controlo”.

O cálculo da fiabilidade foi efetuado com recurso ao método da consistência interna, mais concretamente à determinação do alfa de Cronbach. Para a totalidade dos itens foi obtida um valor $\alpha = .90$, o que sugere um bom indicador da consistência interna. Para cada um dos fatores os valores obtidos foram .87; .81; .54 e .54 para o 1º, 2º, 3º e 4º fatores, respetivamente. Estes valores são congruentes com os obtidos nos diversos estudos realizados. Assim, o estudo de Conti *et al.* (2012) sugerem um valor de $\alpha = .85$ para os 20 itens do IAT; Lai *et al.* (2013) encontraram valores de consistência interna de .93 e Ponte *et al.* (2014) no estudo de validação do IAT para a língua portuguesa encontraram um valor de alfa de Cronbach de .90.

Verificação das hipóteses

A verificação das hipóteses foi efetuada com recurso as estatísticas que possibilitavam a comparação das médias da adição à Internet dos grupos considerados.

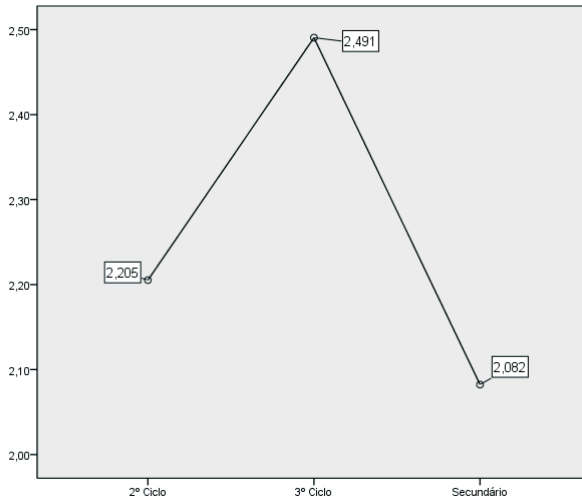
A **hipótese 1** referia que os rapazes apresentam maior dependência à Internet do que as raparigas. Verificamos que os indicadores estatísticos obtidos se mostraram significativos () e por conseguinte, que se verifica a hipótese formulada, ou seja, os rapazes ($M = 2.43$; $DP = .75$) apresentam maior dependência à Internet do que as raparigas ($M = 2.12$; $DP = .68$).

A **hipótese 2** previa que os alunos mais novos apresentassem menor dependência à Internet do que os alunos mais velhos, contudo não se verificou existirem diferenças significativas em função da idade (), pelo que não se verificou a hipótese formulada.

No que respeita à **hipótese 3**, que hipotetizava que os alunos do ensino secundário apresentavam maior dependência à Internet do que os alunos do 2º e 3º Ciclos, verificamos que existem diferenças significativas na dependência à Internet em função do ciclo de estudos (). A comparação à *post-hoc* das médias, mediante o teste de *Scheffé*, revela que essa diferença se verifica entre o 3º Ciclo e o Secundário, favorável aos primeiros. A figura seguinte ilustra de uma forma gráfica aquilo que acabamos de referir.

Figura 3.

Representação Gráfica da Dependência à Internet em função do Ciclo de Estudos.



Na **hipótese 4**, que previa que os alunos em regime de externato apresentassem maior dependência à Internet do que os alunos em regime de internato, não se verificou a existência de diferenças significativas (), pelo que, a hipótese formulada não se confirma.

Serão os alunos desta escola de cariz militar dependentes da Internet?

Para responder a essa questão foi utilizada a tipologia sugerida pela autora do IAT, que com base na pontuação total da escala criaram três categorias de classificação dos sujeitos quanto à dependência à Internet. Através da análise da Tabela 3, podemos então verificar que apenas dois alunos apresentam algum grau de dependência à Internet.

Tabela 3

Tipologias de Dependência à Internet Observados nos Participantes

Intervalos	Tipologia da Dependência	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário	Total
20 a 40 pontos	Suave	36	50	12	98
50 a 79 pontos	Moderada	20	49	5	74
80 a 100 pontos	Severa	1	1	0	2
TOTAL		57	100	17	174

De um modo geral, observa-se que 56.3% dos alunos ($n = 98$) utilizam a Internet de um modo controlado e sem prejuízos, ou seja, inserem-se no grupo em que a utilização da Internet é considerada “suave” pois têm uma utilização normal e ocasional, enquanto 42.5% ($n = 74$) apresentam níveis pouco problemáticos de dependência à Internet, no entanto enquadram-se na categoria de utilização considerada como “moderada”. Relativamente à dependência propriamente dita, categoria de dependência “severa” ou seja, com maior preocupação, encontramos apenas 1.1% ($n=2$).

Em síntese, no presente estudo os níveis de dependência à Internet dos jovens nesta instituição não são preocupantes, mas com a tecnologia e a Internet cada vez mais disponíveis nos mais variados suportes móveis, é um assunto para o qual todos os pais, educadores e restantes atores escolares devem permanecer atentos.

Atividades desenvolvidas pelos alunos quando estão *online*

No livro *Psicologia dos comportamentos online*, Miranda (2015) organiza um conjunto de capítulos atinentes a esta temática tão pertinente na atualidade e se apresenta transversal às diferentes faixas etárias. Um desses capítulos refere-se aos comportamentos *online* de crianças e jovens portugueses, em que são analisados os resultados nacionais do estudo internacional “*Net children go mobile – Crianças e meios digitais móveis*”. Os autores desse capítulo (Ponte e Simões, 2015) realçam aquilo que a investigação tem revelado de modo consistente: as redes sociais e programas instantâneos de conversação converteram-se nas principais formas de comunicação digital entre crianças e adolescentes. No decurso do nosso estudo, esta temática também foi merecedora da nossa atenção. Interessámo-nos por saber quais as atividades que os jovens da instituição em que o estudo foi realizado mais realizam quando estão *online*. A tabela 4 espelha os resultados obtidos. Nela se encontram ordenadas as diferentes atividades desenvolvidas *online* por ordem decrescente, tendo em consideração os valores médios obtidos para cada atividades. Verifica-se que nos lugares cimeiros da ordenação aparecem: o falar com a família; o enviar mensagens através do *facebook/whatsapp*; o falar de problemas com amigos que conhecem pessoalmente; o ver e ouvir música e vídeos; o teclar com amigos e os jogos *online*. Estes resultados são muito semelhantes ao do estudo “*Net children go mobile – Crianças e meios digitais móveis*” que são apresentados por Ponte e Simões (2015). Tal similitude reforça a adesão que os jovens manifestam para com os novos modos de comunicação e, elucidados da forma como os mesmos se apropriam do ciberespaço. Não obstante estas evidências, somos da opinião de que seria possível e desejável potenciar o uso da Internet em benefício das atividades escolares, nomeadamente, no aprofundar conhecimentos, no melhoramento de trabalhos escolares e/ou em outras atividades que explorem o potencial da Internet em prol do ensino. O estudo a que Ponte e Simões (2015) aludem evidência mais esta atividade do que os resultados obtidos com a nossa amostra.

Tabela 4
Análise das Atividades mais Desenvolvidas Online em Termos Médios

Itens	Média	DP
Falar com a família	4,15	1,14
Enviar mensagens através do facebook/whatsapp	3,74	1,31
Falar de problemas com amigos que conhece pessoalmente	3,70	1,26
Ver e ouvir música e vídeos	3,65	1,26
Teclar com amigos	3,48	1,35
Jogar online	3,30	1,45
Navegar no facebook	3,29	1,48
Download de músicas	3,28	1,40
Consultar perfis de amigos reais	3,17	1,30
Chats	3,14	1,48
Aprofundar conhecimentos de cultura geral	3,06	1,17
Utilizar o skype para falar com amigos e familiares	2,97	1,55
Aprofundar conhecimentos escolares	2,91	1,22
Teclar com familiares	2,81	1,39
Falar online com a família	2,66	1,39
Download de fotografias	2,64	1,40
Consultar e enviar e-mails	2,60	1,26
Download de filmes	2,58	1,47
Consultar sites para trabalhos escolares	2,56	1,25
Procurar amigos virtuais através do facebook ou outras redes sociais	2,33	1,30
Consultar material na nuvem (cloud)	2,25	1,38
Participar em fóruns e/ou grupos de discussão	2,11	1,21
Fazer compras	1,85	1,15
Dificuldade em fazer amigos reais	1,79	1,14
Falar de problemas com amigos que não conhece pessoalmente	1,71	1,13

Discussão dos resultados e conclusões

Segundo Young (1998), o dependente da Internet tende a despende cada vez menos tempo com a família, amigos, colegas de trabalho, comunidade em troca de tempos solitários à frente do computador. Progressivamente, vai perdendo a sua rotina normal até que a sua vida se torna completamente isolada, delimitada pela redução de conexões sociais. Neste sentido, as relações virtuais são hipervalorizadas em detrimento das relações reais. Este fenómeno é qualitativamente significativo para o desenvolvimento social e, na maioria das vezes, é apontado como uma forma de mascarar a inabilidade social do indivíduo no mundo real. Isto porque, a dependência à Internet acarreta um restrito repertório comportamental diante de habituais situações virtuais. Através deste estudo foi possível perceber o fenómeno da dependência à Internet por parte dos alunos de uma escola de cariz militar, de uma forma muito ampla e exploratória, porém será necessário estudá-la com maior frequência longitudinalmente, analisando as evidências empíricas e confrontá-las com as amplamente referenciadas na literatura. Em termos de fatores exógenos, podemos refletir sobre alguns dados da literatura, sendo que Yen *et al.* (2007) sugeriram que o

conflito familiar e a existência de famílias pouco funcionais aumentam o risco da dependência à Internet nos adolescentes. Para além disto, Yen *et al.* (2009), referem que nos adolescentes, outro fator importante, diz respeito à monitorização que a família deve efetuar em relação ao tempo e às atividades que estes realizam *online*. A ausência desta monitorização constituiu-se como um fator-chave para o desenvolvimento da dependência à Internet. Não podemos negar a importância de se estudar a dependência à Internet nas populações jovem, pois estas estão numa maior situação de vulnerabilidade e risco de desenvolverem dependência, face à crescente exposição e utilização das novas tecnologias de informação e comunicação – mais do que em qualquer outro grupo etário. Além disso, não podemos negligenciar a elevada atratividade e fascínio que as novas tecnologias de informação e comunicação exercem sobre eles.

Em termos dos objetivos específicos, procurou-se perceber se existiam diferenças significativas de incidência da dependência da Internet em função do género, idade, ciclo de estudos e ao nível do regime de frequência. De um modo geral, em relação ao uso da Internet, verificámos que a maioria da amostra utiliza a Internet de um modo que não lhes resulta em nenhum prejuízo para as suas vidas. Uma percentagem considerável experienciam de um modo, mais ou menos intenso, algum tipo de prejuízo ligeiro ou moderado, sendo que apenas uma pequeníssima percentagem de sujeitos parece sofrer de uma severa utilização da Internet. Estes resultados reforçam a ideia veiculada nos diversos estudos realizados (e.g., Ferraro *et al.*, 2007, Ghassemzadeh *et al.*, 2008, Johansson & Göttestam, 2004, Khazaal *et al.*, 2008, Wang *et al.*, 2011, Yen *et al.*, 2009, Yen *et al.* 2007) que enfatizam a necessidade de uma supervisão das práticas associadas à Internet por parte dos jovens, uma vez que evidenciam uma maior vulnerabilidade a este tipo de ferramentas comunicacionais.

Relativamente ao género, verificamos que existem diferenças significativas, sendo que os rapazes apresentam valores mais elevados de dependência à Internet do que as raparigas. Estes resultados vão ao encontro dos diversos estudos que identificaram os rapazes como mais vulneráveis à dependência da Internet (e.g., Esen & Gündogdu, 2010, Gencer & Koc, 2012, Hasanzadeh *et al.*, 2012, Lin *et al.*, 2011, Peng & Zhou, 2009, Tsai *et al.*, 2009). Quanto à idade dos participantes, não se encontraram diferenças significativas na dependência à Internet. Estes resultados são consistentes com uma parte da literatura existente (e.g., Jenaabadi & Keikhayfarzaneh, 2011, Lam *et al.*, 2009, Lam & Peng, 2010, Simkova & Cincera, 2004), onde essa associação não se verificou, e inconsistente com outro conjunto de estudos (e.g., Canan *et al.*, 2010, Block, 2008, Morrison & Gore, 2010, Ni *et al.*, 2009), onde se verificou que quanto mais novos eram os respondentes, maiores eram os níveis de dependência à Internet. Assim, embora os dados relativamente a esta variável sejam inconclusivos, acreditamos ser muito útil e importante que toda e qualquer intervenção na área da dependência à Internet seja feita o mais cedo possível, pois mais cedo ou mais tarde os jovens vão-se deparar com a utilização desta ferramenta comunicacional e com a

influência dos pares. No nosso estudo os dois alunos que apresentavam elevada adição à Internet encontravam-se nos dois anos que antecedem o secundário, corroborando-se assim a nossa preocupação.

Por fim, quanto ao regime de frequência, em que inicialmente consideramos que os alunos em regime externo apresentariam uma maior dependência à Internet, uma vez que também poderiam ter um maior e melhor acesso à mesma, não se veio a verificar, possivelmente devido ao facto que temos vindo a referir, nomeadamente da monitorização efetuada pelos encarregados de educação quando estão fora da instituição.

Podemos desta forma concluir que, considerando o objetivo deste estudo, os alunos desta instituição, na sua globalidade, não são dependentes à Internet e utilizam-na como a generalidade dos jovens em semelhante idade o faz, embora reconheçamos que a poderiam utilizar de um outro modo alternativo, em proveito dos seus estudos.

Como limitações poderemos apontar o instrumento utilizado, que apesar de no nosso estudo ter apresentado um aceitável comportamento psicométrico, o mesmo não é constante tendo em consideração os múltiplos estudos efetuados, nomeadamente a sua estrutura fatorial. Igualmente interessante seria a ideia de equacionar-se a revisão dos itens do IAT, procurando que os mesmos integrassem os incrementos comunicacionais que as diferentes aplicações contemplam nos dias de hoje, que certamente são muito diferentes das que se verificavam na década 90 do século passado, fruto do desenvolvimento acelerado das novas tecnologias de informação e comunicação. Como temáticas a abordar posteriormente, é nosso entendimento de que faria todo o sentido estudar de que forma a Internet se relaciona com o isolamento de um modo geral, o isolamento social e o isolamento emocional. Neste mesmo sentido, podemos sugerir estudos que incidam igualmente na avaliação do impacto causado pela dependência da Internet na qualidade e satisfação de vida dos jovens.

Referências

- Block, J. J. (2008). Issues for DSM-V: Internet addiction. *American Journal of Psychiatry*, 165, 306-307.
- Bauman, Z. (2006). *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Bauman, Z. (2007). *Liquid times: living in na age of uncertainty*. Cambridge. Polity Press.
- Canan, F., Ataoglu, A., Nichols, L. Yildirim, T., & Ozturk, I. (2010). Evaluation of psychometric properties of the internet addiction scale in a sample of Turkish high school students. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13(3), 317-320. doi: 10.1089/cyber.2009.0160
- Conti, M. A., Jardim, A. P., Hearst, N., Cordás, T. A., Tavares, H., & Abreu, C.

- N. (2012). Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do internet addiction test (IAT). *Revista de Psiquiatria Clínica*, 39(3), 106-110.
- Esen, B. K., & Gündogdu, M. (2010). The relationship between internet addiction, Peer pressure and perceived social support among adolescents. *The International Journal of Educational Researchers*, 2(1), 29-36.
- Ferraro, G., Caci, B., D'Amico, A., & Di Blasi, M. (2007). Internet addiction disorder: An Italian study. *CyberPsychology & Behavior*, 10(2), 170-175. doi: 10.1089/cpb.2006.9972
- Francisco, R., & Crespo, C. (2012, Outubro). Adolescentes “na net e no face”: Estudo da Relação entre o Ambiente Familiar e a Utilização da Internet e das Redes Sociais. In J. Ortega (Chair), *Adolescência. Rutura ou “mais do mesmo”?*. 2º Congresso Ibérico de Terapia Familiar, Lisboa.
- Fu, K-A., Chan, W. S., Wong, P. W., & Yip, P. S. (2010). Internet addiction: Prevalence, discriminant validity and correlates among adolescents in Hong Kong. *The British Journal of Psychiatry*, 196, 486-492. doi: 10.1192/bjp.bp.109.075002
- Gencer, S. L., & Koc, M. (2012). Internet abuse among teenagers and its relations to internet usage patterns and demographics. *Educational Technology & Society*, 15(2), 25-36.
- Ghassemzadeh, L., Shahraray, M., & Moradi, A. (2008). Prevalence of internet addiction and comparison of internet addicts and non-addicts in Iranian high schools. *CyberPsychology & Behavior*, 11(6), 731-733.
- Griffiths, M. D. (2000). Does internet and computer “addiction” exist? Some case study evidence. *CyberPsychology & Behavior*, 3(2), 211-218.
- Hasanzadeh, R., Beydokhti, A., & Zadeh, D. (2012). The prevalence of internet addiction among university students: A general or specific problem?. *Journal of Basic and Applied Scientific Research*, 2(5), 5264-5271.
- Hawi, N.S. (2013). Arabic validation of the internet addiction test. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16(3), 200-204. doi: 10.1089/cyber.2012.0426
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2014). *Sociedade da informação e do conhecimento: Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Retirado de https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=222639904&att_display=n&att_download=y.
- Internet World Stats (IWS). (2012). *World internet usage and population statistics*. Retirado de <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>
- Jelenchick, L. A., Becker, T., & Moreno, M. A. (2012). Assessing the psychometric properties of the internet addiction test (IAT) in US college students. *Psychiatry Research*, 196(2), 296-301. doi: 10.1016/j.psychres.2011.09.007
- Jenaabadi, H., & Keikhayfarzaneh, M. M. (2011). Relationship Between internet using mental health of internet users. *International Journal of Scientific & Engineering Research*, 2(9), 1-5.

- Johansson, A., & Götestam, K. G. (2004). Internet addiction: Characteristics of a questionnaire and prevalence in Norwegian youth (12-18 years). *Scandinavian Journal of Psychology*, 45(3), 223-229. doi: 10.1111/j.1467-9450.2004.00398.x
- Karaiskos, D., Tzavellas, E., Balta, G., & Paparrigopoulos, T. (2010). Social network addiction: A new clinical disorder?. *European Psychiatry*, 25(1), 855. doi: 10.1016/S0924-9338(10)70846-4
- Kesici, S., & Sahin, I. (2010). Turkish adaptation study of internet addiction scale. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13(2), 185-189. doi: 10.1089/cyber.2009.0067
- Ko, C-H., Yen, C-F., Yen, C-N., Yen, J-Y., Chen, C-C., & Chen, S-H. (2005). Screening for Internet Addiction: An Empirical Study on Cut-off Points for the Chen Internet Addiction Scale. *The Kaohsiung Journal of Medical Sciences*, 21(12), 545-551. doi: 10.1016/S1607-551X(09)70206-2
- Ko, C-H., Yen, J-Y., Chen, C-C., Chen, S-H., & Yen, C-F. (2005). Proposed diagnostic criteria of internet addiction for adolescents. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 193(11), 728-733. doi: 10.1097/01.nmd.0000185891.13719.54
- Kuss, D. J., & Griffiths, M. D. (2011). Excessive online social networking: Can adolescents become addicted to Facebook?. *Education and Health*, 29(4), 68-71.
- Lam, L. T., & Peng, Z-W. (2010). Effect of pathological use of the internet on adolescent mental health: A prospective study. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 9, 901-916. doi: 10.1001/archpediatrics.2010.159
- Lam, L. T., Peng, Z-W., Mai, J-C., & Jing, J. (2009). Factors associated with internet addiction among adolescents. *CyberPsychology & Behavior*, 12(5), 551-555. doi: 10.1089=cbp.2009.0036
- Law, S. P. M., & Chang, M. K. (2008). Factor structure for internet addiction test: A confirmatory approach. *Computers in Human Behavior*, 24(6), 2597-2619. doi: 10.1016/j.chb.2008.03.001
- Lin, M-P., Ko, H-C., & Wu, J. Y-W. (2011). Prevalence and psychosocial risk factors associated with internet addiction in a nationally representative sample of college students in Taiwan. *Behavior, and Social Networking*, 14(2), 741-746.
- Liu, T., & Potenza, M. N. (2007). Problematic internet use: Clinical implications. *CNS Spectrums*, 12(6), 453-466.
- Miranda, G. L. (2015). *Psicologia dos comportamentos online*. Relógio d'Água Editores.
- Morrison, C., & Gore, H. (2010). The relationship between excessive internet use and depression: A questionnaire-based study of 1,319 young people and adults. *Psychopathology*, 43, 121-126. doi: 10.1159/000277001.
- Ni, X., Yan, H., Chen, S., & Liu, Z. (2009). Factors influencing internet addiction in a sample of freshmen university students in China. *CyberPsychology & Behavior*, 12(3), 327-330. doi: 10.1089=cpb.2008.0321
- Panayides, P., & Walker, M. K. (2012). Evaluation of the psychometric properties of the internet addiction test (IAT) in a sample of Cypriot high school students: the rasch measurement perspective. *Europe's Journal of Psychology*, 8(3), 327-351.

- doi: 10.5964/ejop.v8i3.474
- Peng, Y., & Zhou, S-J. (2009). Regressive analysis of social risk factors of internet addiction in adolescents. *Chinese Journal of Clinical Psychology*, 17(4), 649-651.
- Ponte, C. & Simões, J. A. (2015). Comportamentos online de crianças e jovens portugueses. In G. L. Miranda (org.), *Psicologia dos comportamentos online*. (pp. 51-80). Lisboa: Relógio d'água Editores.
- Pontes, H. (2013). *A dependência à internet: Fundamentação empírica, teórica e clínica - da Psicologia e Psicometria à CiberPsicologia*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISPA.
- Postmes, T. (2015). As dimensões Psicológicas da Ação Colectiva Online. In G. L. Miranda (org.), *Psicologia dos comportamentos online*. (pp. 227-265). Lisboa: Relógio d'água Editores.
- Sennett, R. (2007). *A cultura do novo capitalismo*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Sennett, R. (2009). *A corrosão do carácter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Simkova, B., & Cincera, J. (2004). Internet addiction disorder and chatting in the Czech republic. *CyberPsychology & Behavior*, 7(5), 536-539.
- Smahel, D., Helsper, E., Green, L., Kalmus, V., Blinka, L., & Ólafsson, K. (2012). Excessive internet use among European children. Retirado de <http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20III/Reports/ExcessiveUse.pdf>
- Tonioni, F., D'Alessandris, L., Lai, C., Martinelli, D., Corvino, S., Vasale, M., Fanella, F., Aceto, P., & Bria, P. (2012). Internet Addiction: Hours Spent Online, Behaviors and Psychological Symptoms. *General Hospital Psychiatry*, 34, 80-87. doi: 10.1016/j.genhosppsy.2011.09.013
- Tsai, H., Cheng, S., Yeh, T., Shih, C-C., Chen, K., Yang, Y., & Yang, Y. (2009). The risk factors of internet addiction: A survey of university freshmen. *Psychiatry Research*, 167(3), 294-299.
- Wang, H., Zhou, X., Lu, C., Wu, J., Deng, X., & Hong, L. (2011). Problematic internet use in high school students in Guangdong province, China. *Plos ONE*, 6(5), 1-8. doi:10.1371/journal.pone.0019660
- Yen, C-F., Ko, C-H., Yen, J-Y., Chang, Y-P., & Cheng, C-P. (2009). Multi-dimensional discriminative factors for internet addiction among adolescents regarding gender and age. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 63, 357-364. doi: 10.1111/j.1440-1819.2009.01969.x
- Yen, J-Y., Yen, C-F., Chen, C-C., Chen, S-H., & Ko, C-H. (2007). Family factors of internet addiction and substance use experience in Taiwanese adolescents. *CyberPsychology & Behavior*, 10(3), 323-329. doi: 10.1089/cbp.2006.9948
- Young, K. S., Pistner, M., O'Mara, J., & Buchanan, J. (2000). Cyber-disorders: The mental health concern for the new millennium. *CyberPsychology & Behavior*, 3(5), 475-479. doi: 10.1089/cpb.1999.2.475